

<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/historia-de-antonieta-de-barros-transforma-se-em-documentario-com-imagens-ineditas>

História de Antonieta de Barros transforma-se em documentário com imagens inéditas

Antonieta marcou Florianópolis, sendo a primeira deputada negra do Brasil

PAULO CLÓVIS SCHMITZ, FLORIANÓPOLIS

07/11/2015 15H13

Ser feminista numa sociedade conservadora, eleger-se deputada sendo negra e mulher numa terra de oligarquias, ter sido mestre de centenas de jovens da elite branca que jamais deixaram de reverenciar sua cultura, personalidade e carisma. Essas particularidades em torno do nome de Antonieta de Barros levaram a cineasta paulista Flávia Person, radicada há sete anos em Florianópolis, a se interessar pela figura da professora que marcou a história da cidade e que, tendo vivido apenas 50 anos, deixou um legado de humanismo e cuidado com a educação que impressionam quem ainda hoje passa a conhecer sua trajetória.

Marco Santiago/ND



A cineasta Flávia Person disse que não foi simples reunir o material para o filme

Foi justamente o pouco conhecimento sobre a vida e obra desta personagem ímpar que levou a diretora a realizar o documentário “Antonieta”, que estreia dia 23 deste mês no hall do Museu da Escola Catarinense, em Florianópolis. Além da curiosidade, Flávia foi levada ao tema por não acreditar que apenas as manifestações de raiz açoriana ou portuguesa sustentam a cultura local. “Quando fiz a pesquisa para elaborar o projeto, percebi que poucos sabiam de Antonieta, que é nome de rua, escola e túnel na cidade, mas cujo trabalho é desconhecido até por ex-alunos do colégio que levou o seu nome”, diz Flávia.

Não foi fácil reunir material para o filme, que tem duração de 15 minutos e é baseado em imagens de arquivo, locução, trilha sonora e trechos de crônicas. Em algumas instituições públicas e escolas onde Antonieta de Barros lecionou as portas pareciam se fechar, umas após as outras. Onde foi possível localizar documentos, eles estavam desorganizados e permanecem apenas como registros em papel.

A Escola Antonieta de Barros, na rua Saldanha Marinho, assim como outras em Florianópolis, foi desativada pelo governo do Estado, que não se preocupou em guardar os documentos que poderiam contar a história do estabelecimento. “Isso é um símbolo da ruína da educação”, afirma a cineasta.

Com o que reuniu, incluindo textos publicados sob o pseudônimo de Maria da Ilha e fotos inéditas, Flávia conseguiu fazer o filme, em fase de finalização. “Ter sido a primeira mulher negra eleita deputada no Brasil é um fato que merece ser mostrado ao maior número de pessoas possível”, ressalta a diretora.

Na política pelas mãos da família Ramos

Antonieta de Barros nasceu em Lages, em 1901, filha de mãe lavadeira, escrava liberta que migrou para a Capital e abriu uma pensão para rapazes vindos do interior para estudar na Ilha. Com essa condição, mais a ajuda da irmã Leonor de Barros, também educadora que ficou na história de Florianópolis, e da família Ramos, tradicional no planalto serrano e que produziu vários governadores de Estado, senadores e um presidente da República (Nereu Ramos, de 11 de novembro de 1955 a 31 de janeiro de 1956), ela terminou o magistério na Escola Normal Catarinense e em 1922 fundou a escola de séries iniciais que se tornou referência no ensino da cidade. Sobre seu pai, pouco se sabe.

Esse vínculo com os Ramos fez com que entrasse na política, pelo Partido Liberal Catarinense, e assumisse, em 1935, a vaga de deputada estadual – foi a primeira das 12 mulheres que já ocuparam ou ocupam a função no Estado. Defendeu que os diretores de escolas fossem eleitos pelas comunidades onde estavam instaladas, mas o projeto foi revogado por Irineu Bornhausen, opositor dos Ramos, nos anos de 1950. “Ela sempre pregou a educação para todos e fez dessa sua maior bandeira, mais do que a negritude”, diz a cineasta Flávia Person.

Antonieta também colaborou com jornais da Capital (“O Estado”, “República”, “O Idealista”, “A Pátria”, “A Semana” – este, fundado por ela própria), publicando crônicas sobre educação, igualdade e outros temas que depois foram reunidas no livro “Farrapos de ideias”, o único que publicou.

Tempos de avanços e conquistas

Mesmo tendo passado duas vezes (1935-1937 e 1947-1951) pela Assembleia Legislativa e sido dona de escola, Antonieta morreu pobre, em 1952, depois de perder o cargo de diretora por questões políticas. Entre as heranças que deixou está a coragem de expressar suas ideias num tempo em que as mulheres começavam a conquistar os primeiros direitos – como o do voto, no governo Getúlio Vargas, em 1932 – e as professoras ainda eram proibidas de casar. Seu segundo mandato foi cumprido pelo PSD (Partido Social Democrático), quase um feudo da família Ramos em Santa Catarina. Hoje, a Assembleia Legislativa concede uma comenda anual com seu nome a mulheres que prestam serviços relevantes ao Estado.

Religiosa, feminista e pela educação

Nas pesquisas que realizou, a cineasta Flávia Person foi aos poucos percebendo particularidades interessantes da personalidade de Antonieta de Barros. Ela era bastante religiosa, mas pregava a emancipação feminina – uma aparente contradição em vista da postura conservadora da igreja católica em relação às mulheres e ao seu papel na sociedade. Defendia o progresso, dentro da linha dos liberais, porém entendia que a prioridade do Estado devia ser a educação, que traria o resto de roldão, pela sua função transformadora. E soube reagir quando o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, antigo companheiro de partido,

qualificou suas ideias de “intriga barata de senzala”. Sem perder a postura, ela respondeu numa crônica que não era esse tipo de picuinha que estava em discussão.

No fim da vida, a professora e deputada teve algumas decepções. Uma delas foi a anulação da lei de sua autoria que previa a nomeação dos diretores e professores de escolas públicas só por concurso de acesso. Outro foi sua própria exoneração da direção do Colégio Dias Velho, em 1951.

O Curso Particular Antonieta de Barros, focado na alfabetização de crianças carentes, funcionou até 1964. Mesmo administrando o estabelecimento, ela passou pelo Colégio Coração de Jesus e lecionou durante 18 anos no atual Instituto Estadual de Educação, que também dirigiu a partir de 1944.

O historiador Fausto Douglas Correa Júnior, que prestou uma consultoria para o projeto, desconfia que não é obra do acaso a invisibilidade de Antonieta de Barros e de sua memória em Santa Catarina. “Temos a sensação de que a escravidão ainda vive, em certa medida”, afirma. Além disso, pregar a formação do ser e do cidadão soa extemporâneo hoje em dia – um tempo sem ideais. O filme tem essa meta – a de inserir a história de Antonieta no período conturbado da primeira metade do século 20, com suas guerras, as disputas políticas estaduais e nacionais e as lutas pelos direitos dos trabalhadores e das mulheres. “Sem ser didático ou jornalístico demais, o documentário quer mostrar essa figura importante para pessoas de todas as idades”, diz a diretora Flávia Person.

Fotos inéditas mostram Antonieta e Leonor

As pesquisas da equipe de “Antonieta” se concentraram na Casa da Memória de Florianópolis, vinculada à Fundação Franklin Cascaes, no Museu da Escola Catarinense, no Arquivo Público do Estado e na Assembleia Legislativa. O filme foi contemplado na categoria vídeo pelo edital do Prêmio Catarinense de Cinema 2013 e vem sendo produzido há pouco mais de um ano.

Há cerca de um mês, Flávia Person obteve de um sobrinho-neto da educadora que mora em Curitiba uma série de fotos inéditas que mostram, entre outras coisas, a grande proximidade de Antonieta e Leonor de Barros, a irmã que viveu mais, até os anos 70, embora tenha sido menos conhecida. Ela também consultou uma tese de doutorado de Luciane Fontão e uma dissertação de Karla Leonora

Nunes.

O projeto teve as parcerias da Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros, Secretaria de Educação de Florianópolis, Núcleo de Estudos Afrobrasileiros da Udesc e Conselho Municipal de Promoção da Igualdade e Coordenadoria de Políticas Públicas e Promoção da Igualdade Racial. A realização é da Magnolia Produções Culturais e da Ombu Arte e Cultura.

O lançamento foi programado para o Museu da Escola Catarinense porque o prédio sediou a Escola Normal onde Antonieta se formou professora e que mais tarde abrigou o Instituto de Educação Dias Velho, onde ela lecionou e foi diretora. Depois da estreia, o filme será exibido no Plenarinho da Assembleia Legislativa, no dia 24, durante o seminário Conversas com Antonieta, e deverá ser inscrito em festivais e mostras no país e fora dele. A intenção é também distribuir os DVDs em todas as escolas da rede municipal de ensino.

DUAS HISTÓRIAS

Um episódio citado pela cineasta Flávia Person dá conta de que uma família onde todos os nomes dos filhos começavam com J, exceto um, que quebrou a sequência – a última filha foi batizada como Antonieta, em homenagem à professora de tantos florianopolitanos!

Outra história é de uma greve de alunos na escola onde ela era diretora. Eles eram contra a adoção de uniformes no estabelecimento e foram para a praça 15 de Novembro fazer um protesto. Antonieta foi lá, conversou com eles, argumentou com os professores que estavam a postos, sozinhos, à espera dos alunos. Minutos depois todos estavam em sala de aula.